

# Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva

## Brazilian olympic athletes women: initial and final career by sports modality

MELO GF, RUBIO K. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. **R. bras. Ci. e Mov** 2017;25(4):104-116.

**RESUMO:** Este estudo buscou investigar o contexto e a idade de início e final de carreira das mulheres atletas olímpicas brasileiras, bem como a razão do encerramento da carreira. Para tanto, participaram da amostra 444 mulheres brasileiras participantes de Jogos Olímpicos até Londres em 2012. Dos relatos de vida, foram retirados dados relacionados aos objetivos deste estudo. Os resultados nos permitem inferir que, em modalidades como natação, ginástica e tênis, o início foi muito precoce, já nos esportes coletivos a idade de início corresponde à fase escolar, quando neste momento o profissional de Educação Física é o principal responsável pela iniciação ao rendimento. Esportes como tiro, arco, boxe e levantamento de peso têm seu início já no final da adolescência. Com relação ao final de carreira, a faixa etária de aposentadoria corresponde à modalidade, e naqueles esportes em que se começa cedo, as idades de aposentadoria são menores. Observou-se também que os motivos principais para a finalização da carreira são: número de lesões, fadiga e cansaço, percepção de que a idade estava atrapalhando, maternidade e casamento e a necessidade de continuar os estudos. Outro fato abordado foi a exclusão da atleta pela comissão técnica, o que foi determinante para que a atleta não quisesse mais fazer parte daquele meio. A escolha de uma nova profissão e outro fator importante e que nos apresenta um panorama diferenciado para as atletas olímpicas, já que 50% destas se formaram e hoje, a grande maioria (65%) trabalham na área esportiva. Pode-se concluir que cada modalidade tem o momento ideal de início e que as atletas olímpicas não saíram deste padrão. Quanto ao término da carreira, este pode não ser compulsório (lesões, cansaço e fadiga, dispensas da equipe, maternidade, casamento) ou programado (formação acadêmica e profissional, necessidade de novas metas).

**Palavras-chave:** Atletas; Olímpicas; Transição de carreira; Formação acadêmica.

**ABSTRACT:** The purpose of this study was to investigate the context of Brazilian women athletes, specifically the age at which they began and ended their careers, the reason for ending their careers and surrounding factors. For that, the sample was attended by 444 Brazilian women participating in the Olympic Games until London in 2012. Data related to the objectives of this study were collected from self-reports from the athletes. The results showed that in modalities such as swimming, gymnastics and tennis, the starting age for athletes was very young. In collective sports, the starting age corresponded to the age of schooling, wherein Physical Education is responsible for the initiation to the sport. Sports such as shooting, archery, boxing and weight lifting have their beginning as early as the end of adolescence. The age of retirement was found to correspond with the modality, whereby those sports that are begun at an early age were found to be associated with earlier retirement ages. It was also noted that the main reasons for career completion are: multiple injuries, fatigue, distress caused by self-perception of old age, maternity and marriage, and the continuation of studies. Another factor addressed was the exclusion of an athlete by a technical committee, acting as a driving force for the athlete to no longer want to be part of the sport environment. Following departure from a sport, the choice of a new profession is another important factor that presents us with a view of the Olympic athletes, since 50% of retired athletes went on to complete undergraduate degrees and the vast majority (605) went on to work in sport. It can be concluded that each modality has an ideal age at which to begin the sport and the Olympic athletes adhered to this standard. As for the end of the careers, the age of completion cannot be programmed in some cases (e.g. due to injuries, fatigue, team layoffs, maternity, marriage) and can be programmed in other cases (academic and professional training, need for new goals).

**Key Words:** Athletes; Olympic games; Career Transition; Academic education.

Gislane Ferreira de Melo<sup>1</sup>  
Katia Rubio<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Católica de  
Brasília

<sup>2</sup>Universidade de São  
Paulo

## **Introdução**

Quando Pierre de Coubertin inaugurou a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, havia indícios de que o mundo se transformava. Máquinas a vapor promoviam uma revolução na produção e a energia elétrica já se anunciava como a grande inovação tecnológica. As mulheres, que até então eram consideradas as responsáveis pela reprodução da espécie e cuidadoras da família, iniciaram uma longa jornada por direitos civis e trabalhistas.

O esporte olímpico, como fenômeno social, também foi marcado por essa luta, uma vez que a princípio as mulheres não tinham o direito de participar. A primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna foi aberta apenas às competições masculinas, pois seu idealizador considerava as mulheres expectadoras desejadas nos eventos públicos, necessárias para abrilhantar as façanhas masculinas e frágeis dos nervos para competir, função essa destinada a homens viris e corajosos<sup>1</sup>.

Ao refletir proximamente os movimentos que aconteciam na sociedade, ou seja, a luta por direitos, nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900, as mulheres foram aceitas pela primeira vez nas competições apenas em modalidades que não exigissem contato físico ou esforço demasiado, no caso golfe e tênis, indicando o longo e tortuoso caminho a ser percorrido Século XX adentro<sup>1-4</sup>. Passados mais de 100 anos dessa primeira conquista, o desenvolvimento do esporte feminino mundo afora acompanha as diferenças culturais e sociais vividas em cada país. Questões de ordem religiosa, econômica e política interferem diretamente nesse processo que se desenvolve de forma desigual, e exige, por vezes, a intervenção das entidades internacionais como o Comitê Olímpico Internacional (COI) e Federações Internacionais de Modalidades Esportivas na preservação de direitos das mulheres atletas.

Uma das protagonistas dessa luta foi Alice Milliat, presidente da Federação Francesa de Desporto Feminino, já na década de 1920, quando Coubertin negou a inclusão das mesmas provas femininas disputadas pelos homens no programa olímpico. Líder de um movimento que levou a organização em 1921 da primeira edição dos Jogos Femininos e da Federação Internacional Desportiva Feminina, Milliat promoveu em 1922 os Jogos Femininos, renomeados Jogos Mundiais Femininos, sendo que se chegou a nomeá-los “olímpicos”<sup>5</sup>.

Embora algumas mulheres brasileiras praticassem esportes, principalmente as descendentes de imigrantes europeus que traziam essas práticas de seus países de origem, somente em 1932, houve a primeira participação olímpica com Maria Lenk, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Ainda assim, segundo Tralci Filho e Rubio<sup>6</sup>, esse feito não desencadeou uma participação expressiva das mulheres brasileiras nos eventos olímpicos, já que, nos Jogos Olímpicos de 1956, 1960 e 1964, houve somente uma mulher por delegação. Apenas na década de 1980, a presença feminina brasileira se firmou e passou a crescer levando às primeiras medalhas da história em 1996, nos Jogos de Atlanta<sup>7-8</sup>.

Durante o intervalo entre a primeira participação e as primeiras medalhas, a mulher atleta olímpica brasileira vivenciou diferentes proibições e preconceitos com relação à prática esportiva. Em 1934, o Regulamento 7 que perdurou até 1968, permitia às mulheres praticar somente esportes que não comprometeriam seu corpo e que não colocassem em risco a capacidade de procriação, amamentação e o cuidado de crianças que assegurariam o futuro da nação<sup>9</sup>. Às meninas eram permitidos esportes como jogos de raquete, lançamento de disco, dardo (com pesos menores que dos homens). Esse impedimento legal de prática de algumas modalidades esportivas femininas certamente retardou o desenvolvimento de capacidades físicas e técnicas das mulheres atletas brasileiras, o que as levou a perder algumas oportunidades de conquista como as atletas europeias e americanas.

Os anos 1980 representam um importante marco para o esporte olímpico internacional com o fim do amadorismo, tanto no que se refere à carreira do atleta<sup>10</sup>, como nos aspectos relacionados com a gestão do esporte<sup>11-12</sup>. Para o esporte brasileiro esse período é caracterizado pela crescente participação feminina nas competições olímpicas e também pelo início do processo de profissionalização do esporte nacional marcado pelo ingresso dos patrocínios nas

empresas privadas e estatais<sup>13</sup>.

Antes do advento do profissionalismo no Brasil a carreira atlética era privilégio daquelas que podiam contar com o apoio familiar ou de algum tipo de gratificação que garantia a satisfação das necessidades do cotidiano e esportivas<sup>14</sup>. “Aposentar-se” como atleta nos tempos de amadorismo implicava uma preparação de integral responsabilidade do atleta e que não poderia distanciar a prática esportiva da formação acadêmica e da prática profissional subsequentemente<sup>14-16</sup>. Ferreira Jr.<sup>15</sup> aponta que, durante o amadorismo, o fim da carreira esportiva se anunciava desde o princípio da vida no esporte, o que obrigava o atleta a priorizar o trabalho em detrimento do esporte.

A chamada transição de carreira refere-se ao momento em que o atleta se prepara para se retirar de treinamentos e competições, em um processo que pode ser planejado ou compulsório. Para Rubio e Ferreira Junior<sup>14</sup>, retirar-se da carreira esportiva significa a necessidade de adaptar-se a uma nova condição de vida, em diferentes papéis, realizando ações que não necessariamente estarão relacionadas à identidade do passado. A transição de carreira, nesse sentido, pode representar uma experiência que abre novas oportunidades para a atleta, momento no qual pode tentar novos caminhos e explorar novas oportunidades.

Durante e depois de sua carreira, a atleta enfrenta inúmeras situações com diferentes níveis de exigência de ajustamento nas esferas de vida ocupacional, financeira, psicológica e social. A aposentadoria é mais um aspecto de ajustamento à vida e não se mostra diferente de outras profissões ou mesmo de outras formas de transição<sup>17</sup>.

Segundo Barros<sup>18</sup>, a transição na carreira esportiva pode ser compreendida desde transição entre as fases de desenvolvimento do atleta no esporte até o encerramento da carreira esportiva. A fase final da transição de carreira denominada aposentadoria, apresenta-se ao atleta com desdobramentos profundos de vida, isto porque atletas são acostumadas a ter visibilidade social, assédio público e reconhecimento por seus feitos, pouco comuns aos cidadãos médios.

Se a profissionalização representa a possibilidade de uma carreira no esporte como em qualquer outra profissão, é necessário considerar que em outras especialidades a aposentadoria ocorre por tempo de serviço já na terceira idade, seguindo leis do trabalho que garantem rendimentos pelo sistema previdenciário. No caso do atleta, a aposentadoria ocorre em uma idade muito menor do que a média populacional e sem garantias previdenciárias. Diante disso, é necessário iniciar toda uma preparação para o enfrentamento de desafios que envolvem não apenas o desenvolvimento de novas habilidades físicas e cognitivas relacionadas à nova carreira, como também emocionais, uma vez que esse novo momento representa também mudanças na identidade.

A transição de carreira atlética resulta de vários fatores individuais e sociais que vão do avanço da idade, à sucessão de lesões, ou ainda à escolha de outra carreira, ao desejo de dedicar mais tempo para a família, etc. Wylleman e Lavallo<sup>19</sup> entendem que ela pode ser definida como um evento que resulta de uma troca nas suposições sobre si mesmo e o mundo e assim requer uma mudança correspondente nos relacionamentos e comportamentos próprios.

Diante de toda a exposição, o objetivo desse trabalho foi discutir as razões e o momento em que se dá o início e a transição de carreira entre atletas mulheres olímpicas brasileiras.

## **Materiais e métodos**

Inicialmente, tratou-se de um estudo qualitativo realizado por meio das Histórias de vida das mulheres atletas olímpicas. A entrevista foi de caráter aberto e parte de uma questão essencial que visa considerar a memória, o seu dinamismo e a necessidade de tratamento subjetivo para emergir da construção narrativa.

Para tanto, participaram da amostra 444 mulheres atletas olímpicas participantes das edições de 1932 a 2012. A realização das entrevistas previu a escolha de local reservado (presencial ou virtual) de forma a preservar a integridade do sujeito, bem como do entrevistador e a qualidade da entrevista, sem com isso desconsiderar as condições e

necessidades específicas dos entrevistados. Foi realizada com base em uma pergunta: “Me fale sobre sua vida como atleta?” A partir desta questão, sempre que a entrevista parava sua fala, buscava-se outros fatores da vida em que pudéssemos retirar das atletas todas as informações sobre sua vida, em todos os aspectos possíveis. A condução foi realizada por psicólogas e profissionais de Educação Física, previamente treinados para que, em todas as entrevistas, chegássemos à história de vida desta atleta.

O tempo de entrevista também foi determinado pelo sujeito, de acordo com a disposição do mesmo e consentimento prévio mediante termo de responsabilidade, formalizador da entrevista, o qual esclarece os procedimentos de pesquisa, bem como do destino dos dados fornecidos. O tempo de duração médio foi de 75 minutos.

Ao final, as entrevistas foram transcritas, totalizando aproximadamente 25 a 30 páginas cada. Em um segundo momento, após a transcrição, buscou-se retirar das entrevistas qualitativas, os dados quantitativos – pesquisa descritiva – que pudessem subsidiar nossos objetivos, por meio de outra leitura minuciosa. Foi construída uma planilha com as variáveis que queríamos avaliar e novamente, foram lidas todas as entrevistas após suas transcrições.

Para as análises descritivas dos dados foram utilizadas médias, desvios e frequências. O Software SPSS-IBM 22.0, devidamente registrado, foi escolhido para análises. Este projeto foi aprovado com o número CAAE 30756114.6.0000.5391.

## Resultados

Conforme indicado anteriormente, a primeira participação olímpica feminina brasileira se deu com a nadadora Maria Lenk, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932. Ao longo de duas décadas, as mulheres brasileiras estiveram envolvidas basicamente nas modalidades individuais: natação e atletismo. Em algumas edições olímpicas, houve a participação de equipes de revezamento diante da presença de no mínimo 4 atletas.

O ingresso das modalidades coletivas em Jogos Olímpicos somente se deu a partir de 1980, no voleibol, em 1992, no basquetebol e em 1996 no handebol e no futebol, perfazendo um total de atletas acima da média de outras modalidades com maior participação em edições olímpicas. A tabela 01 a seguir apresenta o número total de participação nas edições olímpicas até Londres em 2012.

**Tabela 1.** Participação das mulheres por modalidades durante as edições olímpicas até Londres 2012.

Modalidades	N	%
Atletismo	68	15,3
Voleibol	61	13,7
Futebol	46	10,4
Basquetebol	42	9,5
Natação	37	8,3
Handebol	34	7,7
Judô	27	6,1
Ginástica Rítmica	18	4,1
Ginástica Artística	15	3,4
Vela	12	2,7
Vôlei de Praia	12	2,7
Nado Sincronizado	11	2,5

Hipismo	7	1,6
Tênis	7	1,6
Ciclismo	6	1,4
Tênis de Mesa	6	1,4
Remo	5	1,1
Saltos Ornamentais	4	0,9
Tiro Esportivo	4	0,9
Triatlon	4	0,9
Boxe	3	0,7
Esgrima	3	0,7
Taekwondo	3	0,7
Canoagem	2	0,5
Levantamento de Peso	2	0,5
Luta livre	2	0,5
Pentatlo Moderno	2	0,5
Tiro com arco	1	0,2
<b>Total</b>	<b>444</b>	<b>100,0</b>

O fato de a narrativa não ser dirigida e o tema sobre o início da carreira surgir espontaneamente explica porque apenas 341 das 444 atletas fizeram referência a esse fato, indicando também a importância dessa questão em suas histórias de vida.

A precocidade do início de modalidades como a natação aponta para uma modalidade que se relaciona diretamente com o lazer e o incentivo de familiares. Como ela é base de outras modalidades aquáticas isso justifica a pouca idade das mulheres do triatlon, do nado sincronizado e do pentatlo moderno, que farão a opção por essas modalidades mais tardiamente. No caso da ginástica artística e rítmica os dados confirmam a iniciação precoce que levará às competições também precocemente.

Nas modalidades cuja iniciação se dá na idade adulta, observa-se uma vinculação com o desenvolvimento da modalidade, no caso do boxe, que se tornou olímpica apenas em 2012. E no caso do tiro esportivo, o uso de armas de fogo justifica o início tardio, uma vez que, no Brasil, não é comum crianças brincarem com armas.

**Tabela 2.** Dados descritivos, em anos, de início de carreira por modalidades.

Modalidades	Total de Atletas	Que citaram a data de início de carreira	Media da idade de início	Desvio Padrão da idade
Natação	37	27	5,74	2,98
Tênis	7	7	6,00	2,38
Triatlon	4	4	6,75	3,77
Ginástica Artística	15	14	6,93	2,43
Ginástica Rítmica	18	18	7,39	1,50
Nado Sincronizado	11	9	7,89	1,27
Judô	27	21	9,19	3,75

Tênis de Mesa	6	5	9,20	1,79
Pentatlo Moderno	2	2	9,50	3,54
Canoagem	2	2	10,00	1,41
Vela	12	11	10,18	2,99
Basquetebol	42	42	11,17	2,45
Voleibol	61	44	11,18	1,90
Vôlei de Praia	12	9	11,44	2,40
Esgrima	3	2	11,50	0,71
Futebol	46	32	11,84	3,84
Handebol	34	22	12,36	2,36
Taekwondo	3	3	12,67	1,15
Atletismo	68	49	12,80	3,39
Hipismo	7	2	13,00	9,90
Luta livre	2	2	14,50	6,36
Remo	5	4	14,75	2,63
Levantamento de Peso	2	1	16,00	-
Ciclismo	6	3	17,67	7,37
Boxe	3	3	19,33	2,31
Tiro Esportivo	4	3	21,00	4,36
<b>Total</b>	<b>444</b>	<b>341</b>		

A tabela 03 traz a idade média de cada modalidade para o final de carreira das atletas olímpicas brasileiras.

**Tabela 3.** Dados descritivos, em anos, do final de carreira (FC) por modalidades.

Modalidades	Total de Pós –Atletas	Total de respondente	Final de Carreira		Mínimo-Máximo
			Média	Desvio Padrão	
Ginástica Rítmica	16	15	20,80	2,57	
Ginástica Artística	11	10	21,50	3,50	17 -29
Nado Sincronizado	8	7	22,71	1,25	21 - 24
Tênis	7	7	24,71	2,93	21 - 28
Hipismo	4	1	26,00		
Natação	27	21	26,10	5,21	17 - 38
Taekwondo	2	2	28,50	0,71	28 - 29
Tênis de Mesa	2	2	28,50	3,54	26 -31
Judô	17	15	28,87	2,85	24 -34
Vela	7	6	30,33	5,39	25 - 38
Atletismo	41	40	31,43	5,04	18 - 41
Triatlon	3	3	31,67	2,08	30 -34
Handebol	19	7	32,43	3,99	28 - 40
Luta livre	2	2	32,50	4,95	29 - 36
Voleibol	38	36	33,03	5,70	25 - 41

Remo	2	1	34,00		
Basquetebol	26	25	34,88	3,54	26 - 42
Futebol	25	13	35,46	5,06	26 - 46
Esgrima	1	1	36,00		
Vôlei de Praia	8	8	36,38	5,04	27 -44
Ciclismo	1	1	38,00		
Levantamento de Peso	1	1	39,00		
Tiro Esportivo	2	3	41,67	24,01	24 -32
<b>Total</b>	<b>275</b>	<b>227</b>			

O final da carreira esportiva aponta para uma relação direta com os motivos que levaram ao início da prática esportiva, as demandas da modalidade praticada e as singularidades do corpo dos atletas, que levam umas a terem mais longevidade do que outras.

A ginástica artística e rítmica aponta para um final precoce da atividade esportiva, porém, por outro lado, isso acontece ainda em um momento da vida em que é possível iniciar uma nova carreira profissional ainda na média da população dessa faixa etária.

As demais modalidades seguem uma variação que aponta para a transição de carreira em idades, cuja população média, já se encontra no exercício de atividades profissionais plenas.

**Tabela 4.** Comparação das atletas que fizeram números diferentes de cursos superiores por Décadas.

Número de Cursos Superiores	Décadas					Total
	Até 1959	1960 a 1979	1980 a 1989	1990 a 1999	A partir de 2000	
Um curso superior	5	7	32	43	118	205
	2,4%	3,4%	15,6%	21,0%	57,6%	100,0%
Dois Cursos Superiores	1	2	6	6	5	20
	5,0%	10,0%	30,0%	30,0%	25,0%	100,0%
Total	6	9	38	49	123	225
	2,7%	4,0%	16,9%	21,8%	54,7%	100,0%

O conteúdo das narrativas aponta que o momento em que as atletas começam a se preocupar com os estudos coincide, em grande maioria, com o final da carreira e a necessidade de novos ares com a preocupação nas perspectivas profissionais.

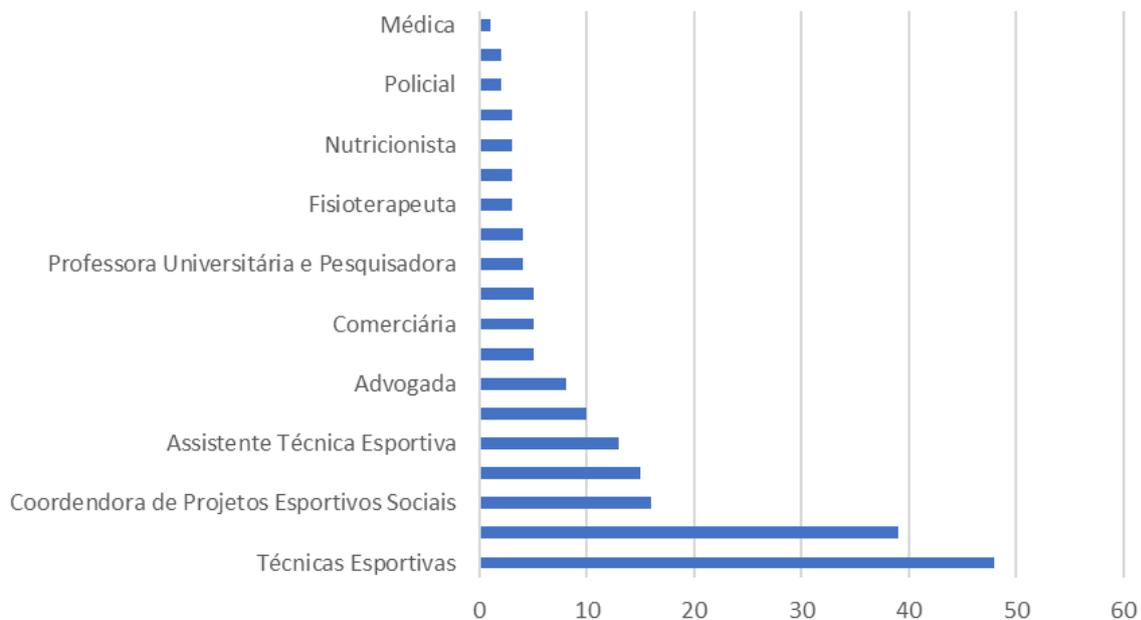
**Tabela 5.** Número de atletas que já se formaram por cada modalidade esportiva.

Modalidade	Total	Curso Superior	%
Atletismo	68	39	57,4
Basquetebol	42	16	38,1
Canoagem	2	1	50,0
Ciclismo	6	2	33,3
Esgrima	3	1	33,3
Futebol	46	10	21,7

Gin. Artística	15	11	73,3
Gin. Rítmica	18	16	88,9
Handebol	34	8	23,5
Judô	27	19	70,4
Levantamento de Peso	2	1	50,0
Luta Livre	2	2	100,0
N. Sincronizado	11	8	72,7
Natação	37	22	59,5
Remo	5	3	60,0
Saltos	4	1	25,0
Tae-kwon-do	3	3	100,0
Tênis	7	5	71,4
Tênis de mesa	6	2	33,3
Tiro	4	2	50,0
Triatlon	4	2	50,0
Vela	12	6	50,0
Vôlei de praia	12	3	25,0
Voleibol	61	17	27,9

Daquelas atletas que fizeram um curso superior (205), a maioria fez Educação Física (126 - 28,4%) ou tiveram o título de provisionada (17 - 3,8%). Cursos como Fisioterapia (9), Direito (9), Administração (8), Nutrição (3) Psicologia (3), também se destacaram. Quando se investigou quais modalidades apresentavam maior número de mulheres com ensino superior, destacaram-se as modalidades individuais como atletismo, natação, tênis, tênis de mesa e as ginásticas.

A figura 1 a seguir apresenta algumas das profissões em que as atletas que já finalizaram sua carreira atuam.



**Figura 1.** Profissões mais citadas pelas atletas que já finalizaram suas carreiras

Quanto à profissão atual, decidimos investigar quais são as profissões escolhidas pelas atletas que já se desligaram do esporte como atletas. Cabe lembrar que os dados só foram computados daquelas que durante a entrevista relataram sobre esta variável. Os dados mostram que das 214 que se referem à profissão atual, 64% escolheram profissões relacionadas ao esporte (professora de Educação Física, técnica, coordenadora, assistente técnica). Já atletas que escolheram cursos como comunicação, jornalismo, gestão, arquitetura também, de uma forma ou outra, buscam ficar próximas ao esporte (locutoras, comentaristas, gerentes esportivas, assessorias junto ao Comitê Olímpico Brasileiro). Com relação a especializações, 17 mulheres fizeram Pós-graduação, sendo 15 delas em nível *Lato Sensu* e 6 em nível *Stricto-Sensu*.

## Discussão

O início da carreira esportiva é o mais precoce entre todas as carreiras profissionais brasileiras, isso porque ele se confunde com o aprendizado de habilidades motoras básicas e a prática do lazer<sup>20-21</sup>.

Para Moreno<sup>22</sup>, a iniciação esportiva é um processo de ensino- aprendizagem para a aquisição da capacidade de execução prática e conhecimento de um esporte, considerando este conhecimento o contato com o esporte até a capacidade de praticá-lo com adequação à sua estrutura funcional. Ainda assim, a iniciação envolve um marco, que se manifesta como o princípio de algo, no caso, a prática de uma atividade que naquele momento pode ou não ser especializada ou competitiva. Isso leva autores como Gabarra, Rubio e Angelo<sup>23</sup> e Ferreira e Moraes<sup>24</sup> a afirmarem que a iniciação esportiva pode ser percebida em alguns momentos como um processo, em outros como um produto ou ainda, como os dois: processo e produto.

Ao considerar que muitas atletas confundem o início de sua prática esportiva com as atividades da educação física escolar (professor(a) de Educação Física que indicou e motivou a prática) ou com o lazer e brincadeiras de criança (amigos da rua, irmão(as) e primos(as)), é difícil precisar a idade exata em que a carreira atlética se dá de fato. Essa mescla de processos leva Blázquez Sánchez<sup>25</sup> a concluir que o processo de iniciação pode ter três finalidades: a competitiva, a educativa e a recreativa.

Apesar das afirmações relacionadas aos problemas da especialização precoce<sup>23,26,27</sup>, observa-se que as atletas olímpicas iniciaram precocemente no esporte (a partir dos cinco anos). Em casos como a ginástica artística e rítmica, a excelência do gesto técnico está diretamente relacionada ao corpo ainda muito jovem da menina e necessariamente esta atleta teve que começar cedo sua prática. Porém, independentemente de o início ter sido precoce ou não o que se observa, na trajetória das atletas olímpicas, é a capacidade de resistir às adversidades, ou seja, a resiliência, condição fundamental para se preparar para a transição de carreira.

Markunas<sup>28</sup> e Sanches<sup>29</sup> discutem a importância da resiliência no desenvolvimento de crianças e jovens na prática esportiva, uma vez que essa escolha leva a um tipo de vida que impõe desafios cotidianos como treinamentos intensos, dor, competições e superação de metas impostas pela modalidade e por si mesmo, a depender dos níveis de auto exigência. Some-se a isso a antecipação de uma carreira profissional que impõe responsabilidades pessoais e sociais como lidar com a própria imagem, cuidar de uma vida privada que se tornou pública e atender às demandas de patrocinadores e marcas, em um momento da vida em que ainda não se tem a maturidade necessária para responder por decisões e escolhas. O entendimento do que é profissionalização também se relaciona com a indefinição da legislação que não esclarece a distinção entre apoio, subsídio, bolsa e salário, confundindo o apoio dado em forma de alimentação ou transporte com o salário e os benefícios de uma atividade regulamentada.

No extremo oposto do início da carreira, está a transição que apresenta em seu processo os reflexos das experiências vividas pelas atletas. Esta pode ser por lesões, as quais são muito citadas nas falas das atletas, bem como fadiga, cansaço ou cortes (desligamentos) inesperados.

Outro elemento que leva uma atleta a planejar a transição de sua carreira é o fato de seu corpo já não mais responder às expectativas de rendimento em treinos e competições, impedindo a obtenção de resultados passados e isso pode ocorrer em idades precoces ou avançadas. Para aquelas que viveram a condição de campeãs, essa situação ganha outros contornos uma vez que além dos resultados competitivos, essas atletas experimentaram também a glória da vitória e todos seus desdobramentos. Existem aquelas que se programam e que saem satisfeitas com sua trajetória.

Independente das razões que levaram a aposentadoria das atletas olímpicas investigadas percebem-se valores médios de idade inicial e final características de cada modalidade olímpica. Menores idades de aposentadoria são esperadas em esportes onde também se começa muito cedo.

Outro fato que se pode inferir é que, com o passar das décadas, os motivos foram se adequando ao movimento cultural vivido naquele momento, ou seja, as mulheres que participaram nas décadas de 30 a 60 deixavam o esporte em razão do casamento, maternidade, estudo e situação econômica desfavorável.

A situação de lesões não foi citada por estas mulheres precursoras. Corroborando os resultados, Ferreira Jr.<sup>15</sup> aponta que durante o amadorismo o fim da carreira esportiva se anunciava desde o princípio da vida no esporte, o que obrigava o atleta a priorizar o trabalho em detrimento do esporte. As atletas que viveram seus tempos de auge a partir da década de 90 já conseguiram conciliar de maneira mais branda os afazeres pessoais com os profissionais.

Cabe ressaltar que, na fala de todas as mulheres entrevistadas, percebe-se a capacidade de enfrentamento de situações propícias da vida de uma atleta olímpica. Atletas de alto rendimento apresentam uma capacidade de enfrentamento (*coping*) maior do que atletas com níveis mais baixos de rendimento<sup>30-32</sup>. Ser mulher e atleta olímpica é uma vitória dupla na vida.

Quando se toma a carreira esportiva como um processo com um começo, meio e fim e segue-se proximamente as etapas do desenvolvimento humano, é possível observar que uma carreira esportiva tem um tempo limitado para ocorrer, que atinge seu ápice durante a segunda e terceira décadas da vida e se encerra quando ainda é tempo para se realizar inúmeras outras atividades. Esta necessidade de se aposentar tão cedo pode vir a gerar um desgaste psicológico<sup>33</sup> na atleta.

Outra questão fundamental para a transição de carreira é se isso ocorreu de forma planejada ou compulsória, o que foi observado em algumas falas. Alguns estudos como os de Crook e Robertson<sup>34</sup>, Drahota e Eitzen<sup>35</sup> e Rubio<sup>8</sup> apontam que atletas que planejam sua saída do esporte e desenvolveram relacionamentos sociais, experiências e sucessos fora do domínio esportivo ajustam-se melhor à vida depois da carreira atlética.

O fato de terem estudado também contribuiu para a realização de uma nova identidade profissional, mesmo que seja na função de técnicos ou dirigentes. Este estudo revelou que 214 que se referem a profissão atual, 64% escolheram profissões relacionadas ao esporte (professora de Educação Física, técnica, gestora, dentre outras). Já atletas que escolheram cursos como comunicação, jornalismo, gestão, arquitetura também, de uma forma ou outra, buscam ficar próximas ao esporte (locutoras, comentaristas, gerentes esportivas, assessorias junto ao Comitê Olímpico Brasileiro). Embora haja um contingente considerável de pós-atletas em posições de técnicas, elas desempenham essa função em clubes e seleções de base, mas não nas seleções nacionais principais.

A função de técnico é ainda um papel atribuído culturalmente ao homem. De acordo com Reszecki<sup>36</sup>, mesmo com a ocupação de alguns cargos de técnicas pelas mulheres, os homens seguem ocupando a maioria dos cargos de liderança sejam eles no esporte ou fora dele. Agora, nos jogos do Rio de Janeiro (2016), as principais modalidades de quadra (basquetebol, handebol, futebol e voleibol) eram comandadas por técnicos homens.

O domínio dos homens em cargos de liderança é um fenômeno amplo, de longa duração, que tem causas diversas e efeitos profundos. Nos espaços de treinamento, essa realidade se propaga e, como já referenciado, o crescente número de “vagas” no mercado do esporte não se reflete em uma maior participação das mulheres nos cargos de

decisão<sup>37</sup>. Todavia, cabe ressaltar que a busca pela inserção da mulher neste campo é uma luta antiga: já em 1963, Benedicta Oliveira foi colocada à frente de uma equipe de alto rendimento em São Paulo, com o Atletismo do Clube Esperia, participando posteriormente como treinadora da seleção paulista e brasileira<sup>38</sup>.

A busca constante por aperfeiçoamentos continua. Com relação a especializações, 17 mulheres fizeram Pós-graduação, sendo 15 delas em nível *Lato Sensu* e 6 em nível *Strito Sensu*.

Cabe ressaltar que o fato de serem atletas olímpicas abriu, nas últimas duas décadas, a possibilidade de serem bolsistas em faculdades e universidades particulares, em troca da sua imagem.

### Conclusões

Pode-se concluir que o início da carreira das mulheres atletas olímpicas brasileiras está mais relacionado à oportunidade de acesso que elas tiveram do que, necessariamente, a um projeto de vida ou a uma política pública. Modalidades como o atletismo e a natação vinculam-se diretamente ao lazer e ao incentivo de familiares, favorecendo a iniciação esportiva regular precocemente, diferente de modalidades menos praticadas ou reconhecidas. A idade de início de carreira depende da modalidade praticada o que em sua grande maioria ocorre entre 5 e 13 anos.

Quanto ao término da carreira, este pode não ser compulsório (lesões, cansaço e fadiga, dispensas da equipe, maternidade, casamento) ou programado (formação acadêmica e profissional, necessidade de novas metas, não guardando, portanto, relação direta com a possível idade para a transição profissional). Pode-se concluir que cada modalidade tem o momento ideal de início e que as atletas olímpicas não fogem a esse padrão.

Os marcos de início e término da carreira esportiva para as mulheres olímpicas brasileiras estão relacionados diretamente ao momento histórico em que elas competiram. Enquanto as mulheres das primeiras décadas do Século XX deixaram o esporte para se dedicar à vida doméstica, ao casamento e à maternidade, as mulheres da segunda metade do século passado já demonstram maior autonomia e disponibilidade de dedicação ao esporte. Já as mulheres das décadas de 1990 até o presente, profissionalizaram-se, retardando ou abdicando das funções maternas e domésticas para se dedicar à carreira de atleta.

Diferentemente do que o senso comum aponta sobre a impossibilidade ou incapacidade das mulheres olímpicas brasileiras estudarem, os dados apontam que quase metade delas concluiu a graduação e estas estão, em sua maioria (60%) relacionada ao esporte que praticaram, ou seja, depois da transição de carreira, elas estão aptas a se voltar para o mercado de trabalho desempenhando novas funções.

### Referências

1. Rubio K. As mulheres e o esporte olímpico brasileiro. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.
2. Cruz I, Silva P, Gomes PB. Deusas e guerreiras dos Jogos Olímpicos. Lisboa: Comissão para Igualdade e para os Direitos das Mulheres – Coleção fio de ariana; 2006.
3. Rubio K. Destreinamento e transição de carreira no esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012.
4. Rubio K. The participation of women in Brazilian Olympic sport. In: Jennifer Hargreaves e Eric Anderson (eds). Routledge Handbook of Sport, Gender and Sexuality. Oxon: Routledge; 2014. 129-138.
5. Hargreaves J. Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sport. London and New York: Routledge; 1994.
6. Tralci Filho MA, Rubio K. Between the confrontation and the concession: the identities of Brazilian Olympic female athletes. International Journal of Humanities and Social Science. 2012; 2: 44-51.
7. Rubio K, Altmann H, Mourão L, Goellner SV. Women and sport in Brazil. In: D'Amico RL, Benn T, Pfister G (orgs). Women and sport in Latin American. New York/Oxon: Routledge; 2016.
8. Rubio K. Atletas do Brasil Olímpico. São Paulo: Kuzuá; 2013.

9. Araujo SEC. As mulheres e o esporte olímpico brasileiro entre as décadas de 1930 a 1960 – as políticas públicas do esporte e da educação física. In: Rubio K. org. As mulheres e o esporte olímpico brasileiro. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.
10. Rubio K. Atletas Olímpicos Brasileiros. São Paulo: SesiSP Editora; 2015.
11. Pires G, Sarmiento JP. Conceito de gestão de desporto: novos desafios, diferentes soluções. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2001; 1(1): 8-103.
12. Leoncini MP. Entendo o negócio futebol: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Escola Politécnica, Universidade de São Paulo; 2001.
13. Proni MW. A reinvenção dos jogos olímpicos: um projeto de marketing. *Esporte e sociedade*. 2008; 3(9): 185-204.
14. Rubio K, Ferreira Junior NS. A transição durante a fase do amadorismo. In: Rubio K (org.). *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. 65-81.
15. Ferreira Junior NS. A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise com base em narrativas biográficas. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo; 2014.
16. Ogilvie BC, Taylor J. Career termination issues among elite athletes. In: Singer RN, Murphey, Tennant LK (Eds.). *Handbook of research on sport psychology*. New York: Macmillan; 1993. 761-775.
17. Martini L. Transição de carreira e suas implicações no esporte. In: *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
18. Barros KS. Nunca deixe de tentar: compreendendo vivências de ser atleta em transição. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2015.
19. Wylleman P, Alfermann D, Lavallee D. Career transition in sport: European perspectives. *Psychology of Sport and Exercise*. 2004; 5: 7-20.
20. Angelo LF. Gestão de carreira esportiva: Uma história a ser contada no futebol. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade De São Paulo; 2014.
21. Bastos ESEM. A importância da gestão de carreiras em atletas de alto rendimento: estudo exploratório. [Dissertação de Mestrado]. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa; 2009.
22. Moreno JH. La iniciación a los deportes desde su estructura y dinámica: aplicación a la educación física escolar y al entrenamiento deportivo. Barcelona: INDE Publicación; 2000.
23. Gabarra LM, Rubio K, Angelo LF. A Psicologia do Esporte na Iniciação Esportiva Infantil. *Psicología para América Latina*. 2009; 18: 18.
24. Ferreira RM, Moraes LCD. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. *Motricidade*. 2012; 8(2): 42-51.
25. Sánchez Db. La iniciación deportiva y el deporte escolar. 4 ed. Barcelona: INDE Publicaciones; 1999. A modo de introducción. p. 19-45.
26. Contreras OR, La Torre E, Velázquez R. *Iniciación deportiva*. Madrid: Ed. Síntesis; 2001.
27. Ramos AM, Neves RLR. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade – notas introdutórias. *Pensar a prática*. 2008; 11(1).
28. Markunas M. Aspectos psicológicos no desenvolvimento de talentos esportivos. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2005.
29. Sanches SM. Resiliência e prática esportiva. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; 2009.
30. Altmann H, Reis HHB. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. *Movimento*. 2013; 19(3): 211-232.
31. Silva EM, Rabelo I, Rubio K. A dor entre atletas de alto rendimento. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*. 2010; 3(1): 79-97.
32. Vissoci JRN, Nascimento Junior JRA, Oliveira LP, Vieira JLL, Vieira LF. Suporte parental percebido, motivação autodeterminada e habilidades de enfrentamento: uma abordagem de modelos de equações estruturais. *Jornal of Physical Education*. 2013; 24(3): 345-358.
33. Agresta MC, Brandão MRF, Barros Neto TL. Causas e Consequências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. 2008; 14(6): 504-508.

34. Crook JM, Robertson SE. Transitions out of elite sport. *International Journal of Sport Psychology*. 1991; 22(2): 115-127.
35. Drahota JAT, Eitzen ST. The role exit of professional athletes. [Tese de Doutorado]. EUA: Colorado State University; 1996.
36. Reszecki MC. Diversidade Cultural: Analisando a ocupação de mulheres em cargos de média e alta administração. *Caderno de Pesquisas em Administração*. 2001; 8(2): 19-26.
37. Pfister G, Radtke S. Mulheres Tomando a Liderança ou mulheres tomando a liderança nas organizações esportivas alemãs. *Movimento*. 2007; 13(2): 91-129.
38. Goellner SV, *et al.* Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer. Porto Alegre: UFRGS; 2009.